



DOCUMENTO BASE AO 28 CONGRESSO NACIONAL DE PÓS-GRADUANDOS

RECONSTRUIR O BRASIL PELA CIÊNCIA E EDUCAÇÃO

O Brasil está diante de uma encruzilhada histórica e a atual geração de pós-graduandas, pesquisadores e cientistas têm um grande desafio: reconstruir o país, a partir da Ciência, da Educação e do fortalecimento da democracia. Não há outro caminho para resgatar nosso povo da fome e da miséria e construir nossa soberania nacional e independência. Mas, para isso, é preciso unir a população para derrotar Bolsonaro e seu projeto neoliberal com traços fascistas, recolocar o país na rota da diminuição das desigualdades sociais e da retomada do desenvolvimento.

Desemprego, inflação, miséria e fome: Bolsonaro lidera um governo que exala morte. É ele o responsável pela tragédia econômica e social, consequências do negacionismo no enfrentamento à pandemia, da política de austeridade fiscal que faz a alegria do setor financeiro e do sequestro dos recursos públicos à farra do chamado “orçamento secreto”.

O governo é covarde e rendido aos interesses dos tubarões. É puro jogo de cena e tentativa de terceirizar as responsabilidades a proposta de CPI da Petrobrás. O aumento insustentável dos combustíveis, que pressiona a inflação em todas as pontas, é o efeito da criminosa política de preços de paridade internacional, que dolarizou a gasolina e o diesel. Bolsonaro indicou os presidentes e os conselheiros da empresa, portanto, é ele quem deve responder pela escalada dos preços.

Esse estado da arte vem elevando a inflação a índices absurdos, corroendo a renda do trabalhador e tirando a comida da mesa das famílias. Não obstante as múltiplas dificuldades, Jair Bolsonaro insiste na guerra entre os poderes da República, deflagrando crises políticas permanentes, atacando a Justiça Eleitoral, desacreditando as eleições e projetando tentativas de golpe para impor seu ideal de projeto político autoritário. É a partir dessa guerra ideológica que o bolsonarismo e as elites brasileiras vêm imprimindo ataques sucessivos





à ciência nacional, colocando água no moinho do negacionismo, o que permitiu que milhares de vidas fossem ceifadas durante a pandemia da covid-19. Vidas que poderiam ter sido salvas, caso se tivesse seguido as orientações científicas e fortalecido o Sistema Único de Saúde. A sabotagem deu contornos ainda mais dramáticos para a crise brasileira. Estamos perto de 700 mil mortos pela COVID-19, cifra que, segundo estudos do Professor Pedro Hallal, censurado e perseguido pelo governo e suas milícias digitais, nos coloca com número de mortes quatro vezes superior à média mundial.

Por outro lado, a pandemia trouxe novos desafios para as nações em todo o mundo, questionando o atual modelo neoliberal de globalização e colocando a ciência nos projetos políticos dos governos nacionais. A busca por autonomia na produção de insumos essenciais para vacina ganhou contornos estratégicos diante da escassez de equipamentos, vacinas e alimentos durante o combate ao vírus. A busca da vacina reeditou a corrida espacial. Ou seja, ciência no centro.

Entretanto, o negacionismo de Bolsonaro não ficou apenas na ideologia, além de perseguir cientistas, estudantes e instituições de pesquisas e ensino, desde o início do seu governo, a ciência e educação vêm sofrendo sucessivos cortes e contingenciamentos de recursos, paralisando milhares de projetos científicos pelo país e ameaçando a continuidade. Apenas para exemplificar, há 10 anos o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) investia cerca de R\$200 milhões em fomento à ciência e tecnologia, hoje esse valor não passa dos R\$30 milhões. São bilhões de déficit que atingem também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES), universidades e institutos de pesquisas, como INPA, INPE e Fiocruz. Nesse quadro trágico, recentemente, Bolsonaro contingenciou mais 7,2% do orçamento das universidades, o que ameaça a continuidade das atividades dessas instituições até o fim do ano.

Esse cenário de apagão da ciência tem fechado qualquer janela de oportunidade para retomada de desenvolvimento, pois para o crescimento econômico, necessariamente precisamos fortalecer e garantir nossa autonomia científica, transformando o Brasil em potência tecnológica e conquistando nossa soberania brasileira. Mas, para isso, precisaremos ter autonomia na produção energética, alimentar, farmacêutica, sobre nossos territórios e nossos mares e, sobretudo, pela garantia da nossa autonomia em definir políticas





econômicas que coloquem as necessidades sociais no centro. Em outros termos, apenas investimentos em ciência e tecnologia, ancorados na educação, podem recolocar o Brasil na rota das economias globais e garantir nosso desenvolvimento sustentável, soberano e popular, com mitigação das mazelas sociais que tanto afligem nosso povo.

E esses investimentos são fundamentais para a retomada da geração de empregos e renda, garantia de alimento de qualidade e saudável no prato de todos os cidadãos e cidadãs. Além disso, apenas com a ciência reconstruiremos o nosso parque industrial, transformando o petróleo do pré-sal num verdadeiro financiador da diversificação da indústria nacional, com sustentabilidade ambiental, sendo motor para levar desenvolvimento para todo o país. Apenas com ciência completaremos a transição do nosso complexo energético para autossuficiência em energia limpa e resolveremos os nós nas cidades brasileiras que sofrem com saneamento básico precário, enchentes e problemas crônicos de mobilidade urbana.

Além do indispensável financiamento, é necessário que exista um ambiente democrático, no qual seja permitido o exercício da liberdade acadêmica e do livre pensar, com universidades públicas fortalecidas e uma educação de qualidade do ensino infantil à pós-graduação. A função social da ciência só será cumprida quando diversificarmos a produção do conhecimento, garantindo o ingresso e permanência de sujeitos historicamente excluídos desse lugar. A expansão das universidades colocou as mulheres, os negros e negras, a população LGBTQ+, indígena e quilombola como produtores de ciência e é esta mudança estrutural que precisamos perseguir, ampliando cada vez mais as oportunidades de a ciência ser produzida pelo povo brasileiro.

É preciso consolidar e prestigiar a carreira científica no Brasil. Se 90% da ciência nacional está diretamente vinculada à pós-graduação, a valorização dos cientistas é, necessariamente, a valorização das (os) pós-graduandas (os). São milhares de talentos nos quatro cantos do país estudando e trabalhando em prol do conhecimento científico, produzindo em condições precárias de trabalho. Além das bolsas não contemplarem a todos os pós-graduandos, permitindo uma verdadeira dedicação exclusiva, elas estão com valores defasados há quase 10 anos, tendo perdido mais de 70% do seu valor em poder de compra, colocando milhares de cientistas em condições de vulnerabilidade social. Por isso, é imperativo valorizar o cientista, reajustando os





valores das bolsas e implementando um mecanismo permanente de reajuste.

Além disso, é preciso expandir ainda mais a pós-graduação brasileira. É preciso formar nossos talentos, através de uma pós-graduação estruturada em todo o território nacional, como forma de encontrarmos os caminhos do nosso projeto nacional de desenvolvimento econômico e social. Apenas a partir de um mergulho na compreensão da realidade brasileira, encontraremos criativamente as soluções para os problemas sociais que tanto nos afligem.

Diante do exposto, a ANPG defende um projeto que seja apresentado à sociedade e às candidaturas democráticas que concorrerão no pleito de 2022 com as seguintes sugestões para reconstruir o Brasil:

D) Fortalecimento do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação

Há mais de 70 anos, o Brasil lançou os pilares do que hoje é o Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. A institucionalização da pós-graduação, a construção das universidades, empresas públicas e a criação do CNPq e da CAPES permitiram que o país chegasse ao século XXI com um robusto parque nacional de ciência e tecnologia, com instituições reconhecidas internacionalmente pela sua produção científica, como a Fiocruz. Entretanto, apesar dessa importância, todo o sistema está sob ameaça em virtude do cenário de desinvestimento e desmonte das instituições e ataques à democracia.

Primeiro, o fortalecimento do sistema nacional de ciência e tecnologia passa pela garantia de valorização da (o) cientista. Os cientistas no país, apesar de sua alta qualidade, são formados sob condições precárias de trabalho. Valores baixos e desfasados das bolsas de estudos, ausência de direitos trabalhistas e previdenciários condizentes com a condição híbrida de estudante-trabalhador, sucessivos cortes de orçamento das pesquisas, ausência de políticas de absorção de mestres e doutores pelo mercado de trabalho e ambiente antidemocrático para produção científica são elementos vêm gestando um ambiente que favorece a elitização da produção científica e agrava a fuga e perda de cérebros. Fuga, pois muitos cientistas estão migrando para outros países que possuem condições mais atrativas para desenvolver suas pesquisas; e perda, pois muitos dos





nossos mestres e doutores estão trabalhando no mercado informal de trabalho ou em situação de vulnerabilidade social.

Em segundo, um ponto importante a ser debatido para o avanço da ciência e tecnologia no país é o fortalecimento das empresas estatais e públicas. Elas são responsáveis por grande parte do incremento tecnológico em diversos setores da economia do país, graças aos investimentos massivos em ciência e tecnologia que se transformam em desenvolvimento tecnológico e inovação. No Brasil e no mundo, a realidade mostra que as empresas públicas possuem mais responsabilidades de investimento em C&T, o que requer um projeto a médio e longo prazo, contrário ao que as empresas privadas pregam. Por isso, as empresas públicas têm um caráter de responsabilidade social e são elementares para nosso desenvolvimento. Basta vermos o caso da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), a qual vem desenvolvendo todo o setor de agricultura e pecuária no país. Outro grande ícone é a Petrobras. Só para exemplificar, em 2020, enquanto o orçamento do CNPq girava em torno de R\$10,6 bi, a Petrobras investiu R\$1,81 bi em pesquisa e desenvolvimento. Ou seja, é hoje a principal financiadora de pesquisa no país, e não apenas na cadeia de petróleo & gás, fundamental para nossa autonomia e produção energética, mas também financiando universidades e institutos de pesquisas. Desse modo, é preciso salvaguardar e fortalecer as empresas públicas, pois seu fortalecimento garante o desenvolvimento brasileiro em setores estratégicos e contribuem para o desenvolvimento científico.

Nessa seara, em terceiro, é preciso garantir uma efetividade do sistema nacional de ciência e tecnologia. É preciso garantir que nossa ciência seja produzida pelo povo brasileiro e vinculada às reais necessidades sociais, de norte a sul do país. Deve haver financiamento robusto para início, produção e desenvolvimento de tecnologia e inovação, a partir da ampliação da fronteira de conhecimento. .





II) Fortalecimento do Sistema Nacional de Educação:

Para Darcy Ribeiro, era preciso inventar o Brasil que nós queremos. Mas só conseguiremos realizar isso com investimento massivo na educação pública, das escolas à pós-graduação. Uma educação que possa emancipar nosso povo e gerar oportunidades para desenvolver por completo as competências, habilidades e potencialidades, especialmente da nossa juventude. E, dentro desse sistema de educação, a universidade pública tem função primordial, pois além de provocar mudanças estruturais nas condições de vida do nosso povo, forma quadros técnicos para os desafios do mundo do trabalho, pavimenta o caminho para produção científica e oferece serviços para a sociedade.

Entretanto, todo o potencial das universidades está ameaçado. Primeiro, a partir do estrangulamento do orçamento universitário, com algumas indicando que não possuem recursos suficientes para sustentar suas atividades até o fim do ano. Além disso, o governo apresenta o projeto de cobrar mensalidades para resolver a questão do financiamento universitário. Um projeto político com causa e consequência, o qual quer abrir caminho para privatização do direito à educação superior no país. E, em segundo, a ameaça vem com o cerceamento da autonomia universitária, com o objetivo de ditar o que deve ser ensinado e pesquisado, tolhendo a liberdade de cátedra, um elemento primordial para exercício da criatividade científica. Sem mencionar o desrespeito às decisões das comunidades acadêmicas nas eleições para reitorias das universidades. São ameaças que não estão desarticuladas e nem são espontâneas na atual conjuntura. Por isso, é imperativo recompor o orçamento e dar robustez ao financiamento das universidades e garantir a democracia e autonomia no espaço universitário.

Ao falar em universidade e seu papel no fortalecimento do Sistema Educacional, não há como não mencionar a pós-graduação brasileira e a construção do novo Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG), com a ampla discussão e participação de todos os setores que a fazem, garantindo a participação de mestrandos e doutorandos a partir da representação da ANPG. O PNPG é um importante instrumento para orientar as





políticas públicas na área. Findamos sua sexta edição, com validade entre 2010 e 2020, e, por isso, precisamos construir um novo plano que contemple a superação de todos os desafios que ainda temos no setor. Se é certo que conseguimos avançar nos primeiros quinze anos deste século, inclusive atingindo algumas metas antes mesmo de terminar sua vigência, ampliando a oferta de vagas na pós-graduação, mais que dobrando o número de mestres e doutores no país e diminuindo as desigualdades regionais que sempre assolaram a pós no país, é bem verdade também que ainda temos grandes desafios. Primeiro, pois todos os resultados estão ameaçados pelo processo de desfinanciamento da educação. E, em segundo lugar, porque ainda temos gargalos para enfrentar. É preciso debatermos um novo PNPG, a partir de algumas diretrizes que devem ser bandeiras de lutas para qualquer pessoa que defenda o fortalecimento da pós-graduação e da ciência nacional. São eles: a) valorização do pós-graduandos; b) expansão dos programas de pós-graduação; c) redução das assimetrias regionais; d) aperfeiçoamento do sistema de avaliação; e) financiamento robusto e suficiente para manutenção e expansão; f) consolidação e aperfeiçoamento da multi e interdisciplinaridade; e g) políticas de assistência estudantil que considerem o caráter híbrido dos pós-graduandos e garantam o ingresso e permanências de pesquisadoras mulheres, mães e pais, negras e negros, LGBT+, indígenas e quilombolas.

Apenas pelo fortalecimento do sistema nacional de ciência e tecnologia e de educação, conseguiremos retomar o caminho de redução das desigualdades sociais, emancipação humana e desenvolvimento econômico. Para a reconstrução do Brasil que queremos é imperativo que coloquemos no centro esses elementos.

Por isso, a Associação Nacional de Pós-Graduandos convoca todo o movimento nacional de pós-graduandos, comunidade acadêmicas e científicas e toda a sociedade brasileira para juntos avançarmos na reconstrução do Brasil que queremos, com a defesa de um país democrático, soberano, popular e independente.

São Paulo, Junho de 2022

DIRETORIA EXECUTIVA DA ANPG



Congresso Itinerante e híbrido
maio a julho de 2022

ETAPA PRESENCIAL: 23 A 25 DE JULHO, UNB

